



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

ATLETISMO FEMININO NO RIO GRANDE DO SUL: A TRAJETÓRIA DE CINCO MULHERES.

José Patrício Cunha Pinheiro¹

Johanna Ermacovitch Coelho²

Silvana Vilodre Goellner³

patricio937@gmail.com

johanna.coelho@hotmail.com

vilodre@gmail.com

Resumo

Os preconceitos ainda existentes, quanto à inserção e à permanência das mulheres no esporte, motiva-nos a descrever a história de cinco atletas gaúchas que se destacaram em competições de atletismo (pistas, campos e ruas), consideradas ícones do atletismo gaúcho. Elas defenderam com muita honra a participação da mulher nesta prática que outrora foi considerada nociva para a sua compleição física e função biológica, a de ser mãe. Para tanto, partimos da perspectiva de que o esporte é uma manifestação cultural e reflete o comportamento da sociedade ou de um grupo no qual estamos inseridos. Nesse sentido, dar visibilidade à participação das mulheres gaúchas nessa modalidade é a tarefa a qual nos dispomos nesse texto.

Palavras-chaves: história cultural, atletismo, mulher.

Abstract

Female athletics in Rio Grande do Sul: the trajectory of five women.

The prejudices that still exist, about the insertion and permanence of women in sport, motivates us to describe the story of five female athletes from Rio Grande do Sul, who have excelled in various athletic competitions (lanes, fields and streets), considered icons of athletics in south of Brazil. They defended with great honor women's participation in that kind of activity that was once deemed harmful to that physical and biological function: to be a mother. To do so, we adopted the perspective of the sport is a cultural event and reflects the behavior of society or a group in which

¹ Graduando no curso de Bacharelado em Educação Física pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS), Porto Alegre-RS, Brasil

² Doutoranda no PPGCMH – ESEF – UFRGS, membro do Grupo de Estudos de Cultura e Corpo – GRECCO

³ Prof^a Dr^a Silvana Vilodre Goellner, Professora Associada da Escola de Educação Física da UFRGS, Porto Alegre-RS, Brasil.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

we operate. From that, the participation of women as the protagonist leaves us an important legacy, strongly influenced by a global movement, which the women from Rio Grande do Sul could not remain aloof.

Key-words: *cultural history, athletic, women*

Resumen

Atletismo Femenino en Rio Grande do Sul: La Trayectoria de Cinco Mujeres

Los prejuicios que aún existen, en relación a la inserción y a la permanencia de las mujeres en el deporte, nos motiva para describir la historia de cinco mujeres atletas de Rio Grande do Sul que han sobresalido en las competiciones de atletismo (pista, campos y calles), consideradas iconos de Atletismo Gaucho. Ellas defendieron con honor la participación de las mujeres en esta práctica que alguna vez fue considerada perjudicial para su función física y biológica, la de ser madre. Deste modo, partimos desde la opinión de que el deporte es un evento cultural y refleja el comportamiento de la sociedad o de un grupo en el que actuamos. En este sentido, hacer visible la participación de las mujeres de Rio Grande do Sul en este deporte es la tarea que realizaremos en este texto.

Palabras-clave: historia cultural, atletismo, mujer.

Introdução

Considerando a importância do esporte como um elemento cultural de grande significação na sociedade contemporânea, este texto objetiva reconstruir fragmentos da história do Atletismo gaúcho tendo como foco de análise a trajetória de cinco atletas que se destacaram em diferentes modalidades do Atletismo e elevaram a participação da mulher em diversos campos de atuação tais como o esporte e a política. Tal objetivo se justifica tanto pela ausência de trabalhos de cunho historiográfico sobre o atletismo feminino gaúcho quanto pela importância atribuída à memória como fonte de conhecimento e pesquisa, pois os depoimentos orais aqui analisados ajudam a entender a história de pessoas que estão inseridas em um contexto esportivo-cultural da cidade de Porto Alegre.

A pesquisa integra o Projeto Garimpendo Memórias⁴, cujo objetivo principal é preservar e divulgar a memória do esporte, da educação física, do lazer e da dança no Rio Grande do Sul e Brasil. Desenvolvido pela equipe do Centro de Memória do Esporte, concretiza-se por meio da realização de entrevistas com pessoas que podem testemunhar sobre os acontecimentos, as conjunturas, os eventos, as representações, os modos de vida, os sujeitos, enfim, múltiplos aspectos relacionados à estruturação das diferentes práticas corporais e esportivas no contexto brasileiro e internacional (GOELLNER, 2011).

⁴ <<http://www.esef.ufrgs.br/ceme/projetos/garimpendo/entrevistas/entrevistas.htm>>. Aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o número 2007710, de 06 de dezembro de 2007.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Aspectos Metodológicos:

Esta pesquisa fundamenta-se no aporte teórico-metodológico da História Oral considerando três de suas atribuições: como técnica de produção e tratamento de entrevistas; como um método de investigação científica; como fonte de pesquisa.

Mais do que tentar definir o que é História Oral, interessa aqui afirmar que, desde meados do século XX, vários pesquisadores, vinculados a diferentes campos disciplinares, a têm utilizado, produzindo textos acadêmicos, científicos e literários. (Camargo, 1989; Montenegro, 1992; Ferreira e Amado, 1996).

Para sua realização foram percorridas algumas etapas específicas: a) identificação das atletas consideradas ícones no atletismo feminino do Rio Grande do Sul, por meio de pesquisa em fontes de diferente natureza tais como reportagens publicadas em jornais e revistas de esporte, sítios da internet, incluindo o da Sociedade Ginástica de Porto Alegre (Sogipa), documentos pertencentes aos acervos do Clube de Corredores de Porto Alegre (CORPA) e Centro de Memória do Esporte (CEME); b) elaboração de roteiro para as entrevistas, considerando os objetivos da investigação com ênfase em temas como início da carreira esportiva, preconceitos, principais competições; c) realização das entrevistas com característica semiestruturada; d) transcrição das entrevistas; e) copidesque, que se caracteriza pela transformação do depoimento oral em escrito guardando as especificidades da fala; f) pesquisa sobre informações complementares para subsidiar os depoimentos; g) devolução da entrevista para as depoentes; h) assinatura da carta de cessão de direitos autorais ao CEME.

Após o processamento das entrevistas, foi feita a análise do material empírico coletado. Para tanto utilizamos o cruzamento das entrevistas com outras fontes de pesquisa tais como reportagens, documentos oficiais das competições envolvidas, acervo do CEME e do CORPA, fotografias e trabalhos acadêmicos, entre outras. A partir desse entrecruzamento elegemos alguns temas sobre os quais debruçamos nossas análises: As primeiras participações femininas no atletismo, no qual resgatamos o contexto histórico da inserção da mulher no atletismo mundial; A mulher brasileira nos Jogos Olímpicos, destacando a participação de atletas femininas nas equipes brasileiras de atletismo; Talentos no atletismo gaúcho, no qual descrevemos a história de Luciane Dambacher, Miriam Caldasso, Geny Mascarello, Ana Maria Santos Rezende e Verônica Bardini por serem legítimas representantes do atletismo feminino do Rio Grande do Sul.

As primeiras participações femininas no atletismo

Ao analisarmos a participação feminina no atletismo no Rio Grande do Sul, é necessário reconstruir o contexto histórico no qual se deu essa inserção, ressaltando as possibilidades, assim como as barreiras e preconceitos continuamente transpostos pelas mulheres no âmbito desta modalidade esportiva. No seu conceito moderno, o atletismo é secular, aparecendo no Brasil de



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

forma recreativa em meados do século XIX (MELO E TURCO, 2006) em diversos clubes em diferentes cidades do país.

Até então, o atletismo era praticado de forma empírica, sem considerar nem mesmo as regras da modalidade, estabelecidas na Inglaterra. Esse cenário se altera com o surgimento, em 1907, do primeiro livro, editado pela Livraria Garnier, com regras oficiais para jogos e diversos esportes, inclusive para o atletismo, que acabou norteando a prática, sobretudo masculina, nos anos posteriores (A HISTÓRIA DA CORRIDA, 2010). Se hoje temos um crescente número de mulheres praticantes de atletismo nas competições, nem sempre foi assim, dado que o conservadorismo de meados do século XIX restringia a participação das mulheres em alguns ambientes sociais, incluindo o esportivo, já que eram criadas para serem esposas e mães. Somente a partir das primeiras décadas do século XX que as mulheres conquistaram maior espaço neste território tido como essencialmente masculino (GOELLNER, 2005b).

A primeira participação das mulheres na modalidade de atletismo feminino ocorreu durante os esportes de exibição dos Jogos Olímpicos de Paris realizados em 1900 (OLIVEIRA E COSTA, 2006). No entanto em 1912, Pierre de Coubertin, idealizador das Olimpíadas da Era Moderna e então presidente do Comitê Olímpico Internacional, defendia a exclusão das mulheres da competição, frisando serem os Jogos Olímpicos a exaltação solene e periódica do esporte masculino (FARIAS, 2008), pois acreditava que a inserção das mulheres no esporte competitivo, em especial nas Olimpíadas, poderia vulgarizar esse ambiente recheado de honras e conquistas (GOELLNER, 2005a).

Nessa época a ideia de uma mulher ativa, independente e autônoma, se difundia nos Estados Unidos e Europa, o que acabou influenciando a elite urbana brasileira visto que o país mantinha fortes laços étnicos e culturais com a Europa (ADELMAN, 2003). As mulheres passaram a ser vistas em alguns eventos esportivos, no entanto, a desmoralização feminina, gerada pela exibição e espetacularização do corpo, assombrava as famílias, principalmente as da elite. Assim, se de um lado a prática esportiva, o cuidado com a aparência e o desnudamento do corpo eram tidos como impulsionadores da modernização da mulher e da sua autoafirmação na sociedade, do outro se tinha a natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição (GOELLNER, 2005a).

Apesar, das manifestações e interdições culturalmente impostas, as mulheres foram lentamente superando os preconceitos e protestos violentos (FARIAS, 2008). Contudo, foi somente nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928, que o atletismo feminino foi inserido neste evento, cujo destaque foi a atleta americana Betty Robinson, a primeira mulher a vencer os 100 metros rasos (OLIVEIRA E COSTA, 2006).

A mulher brasileira nos Jogos Olímpicos

A primeira participação feminina brasileira no Atletismo em Jogos Olímpicos ocorreu em Londres em 1948, tendo como destaque Benedicta Sousa de Oliveira, considerada modelo de atleta olímpica do país (OLIVEIRA E COSTA, 2006). Nestes jogos, o Brasil foi representado por seis mulheres nas provas do Atletismo e, dentre elas teve a participação pioneira de Melania Luz na



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

prova de 200 metros, a primeira mulher negra a representar o Brasil em uma Olimpíada (FARIAS, 2008).

Nos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 1964, o Brasil enviou 70 atletas para a competição em 11 modalidades e o Atletismo brasileiro tinha apenas uma mulher em sua delegação, Aída dos Santos, que sem medalha, nem troféu, entrou para a história do esporte brasileiro ao conseguir o quarto lugar no salto em altura. Essa foi a melhor marca olímpica já conquistada, individualmente por uma brasileira (OLIVEIRA E COSTA, 2006) até a vitória de Maurren Maggi nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, a primeira atleta medalhista do atletismo nacional.

O século XX foi um período marcado por lutas e conquistas femininas tanto políticas, quanto sociais e dentre estas, a participação da mulher no esporte competitivo e a ocupação efetiva desse território. No entanto, essa ampliação ainda não garantiu a afirmação de que já experimentamos em tempos de respeito pela diferença entre os gêneros, devido ao modelo de sociedade que vivemos e que, em muitos espaços, ainda favorece mais aos homens que às mulheres (RUBIO E SIMÕES, 1999).

Talentos no atletismo gaúcho

A partir dos depoimentos concedidos, neste item, iremos descrever fragmentos da história pessoal das atletas participantes deste estudo.

A Sociedade Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA) surge no ano de 1867 como uma associação da colônia alemã, a qual o Atletismo era desenvolvido juntamente com outros esportes, de forma recreativa. Esta mesma característica se reproduziu em dezenas de clubes alemães que surgiram no interior do Rio Grande do Sul e que perduraram até o início da Segunda Guerra Mundial (MELO E TURCO, 2006). Nesse contexto, a SOGIPA destaca-se como um importante pólo do Atletismo gaúcho, servindo de referência na formação de atletas dentre elas, três de nossas protagonistas: Luciane Dambacher, Miriam Caldasso e Geny Mascarello.

Luciane Dambacher nasceu em 10 de maio de 1976, iniciou sua prática esportiva no ano de 1989, aos 13 anos de idade, na cidade de Novo Hamburgo, na Escola Fundação Evangélica que, segundo seu depoimento, incentiva o esporte em todas as modalidades. Ela foi atleta de pista e campo, mas sua principal modalidade era o salto em altura.

Em 1990, ela foi convidada pelo treinador José Haroldo Loureiro Gomes, conhecido como Arataca, que já treinava seu irmão, a integrar a equipe de Atletismo da SOGIPA, local onde passou a treinar duas a três vezes por semana, intercalando com os treinos realizados na escola e nos parques de Novo Hamburgo.

Devido à necessidade de um maior acompanhamento de seu treinador, Luciane passou a morar em Porto Alegre, na casa de Martina, esposa do Arataca, e a treinar a semana toda em Porto Alegre, voltando para Novo Hamburgo somente nos finais de semana. Como atleta da SOGIPA, participou de várias competições até o ano de 2007, quando competiu pela última vez o Troféu Brasil. Sua primeira modalidade foram os 600 metros rasos além de participar de outras provas como salto horizontal e revezamentos.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Quando ingressou na equipe de atletismo da SOGIPA, treinava em várias modalidades. Aliás, esse é o pressuposto utilizado pelo clube, de forma a oportunizar ao jovem atleta experiências em diversas modalidades do Atletismo até que se encaixe naquela que tenha a melhor identificação. A atleta participou de muitas competições na modalidade do Heptatlo até o ano de 1994, momento no qual definiu seu primeiro grande objetivo: participar de um campeonato mundial. Essa decisão levou Dambacher a buscar um treinamento específico para a prova de salto em altura. Inicialmente, sua carreira atlética ocorreu sem planejamento: primeiro a escolinha, depois o campeonato brasileiro, e à medida que aumentava o número de competições e os resultados eram satisfatórios sua motivação aumentava. No entanto, para competir no Campeonato Mundial Juvenil, tinha que alcançar o índice de um metro e oitenta e dois centímetros (1,82m), o que foi alcançado com muito treino. A partir disso, com a confirmação do índice, seus objetivos foram crescendo.

Luciane Dambacher elenca como suas principais competições: na categoria de menores os campeonatos brasileiros e sul-americanos; na categoria juvenil, os campeonatos brasileiros, sul-americanos, pan-americanos e mundiais; na categoria adulta, o título que conquistou no Salto em Altura: Pentacampeã Brasileira, Tricampeã Sul-americana, e Medalha de Prata no Pan-americano de Winnipeg (Canadá). Participou, ainda, dos Campeonatos Mundiais Universitários de 1999, em Palma de Mallorca e em 2001, em Pequim.

A atleta se lesionou no Pan-americano de Santo Domingo, em 2003, e esse acontecimento promoveu o sentimento de que, uma edição dos Jogos Pan-americanos foi marcada por glórias e a outra se caracterizou pelo início de uma fase ruim, marcada por muitas lesões, levando-a a aposentadoria.

Em seu depoimento Dambacher mencionou não perceber diferenças relacionadas ao preconceito no meio esportivo, mas sim entre os amigos dos seus pais e de pessoas que não eram ligadas ao esporte, pois em Novo Hamburgo, não era comum uma menina se destacar dessa forma, ainda mais em uma modalidade como o Atletismo.

Esse preconceito se originava de pessoas mais velhas e era velado não explícito. Mesmo assim, afirma, mas existia, principalmente porque, naquele tempo, o Atletismo era visto como uma prática para meninos. No início de sua carreira, ouviu comentários como, por exemplo, “Tu vais perder o teu tempo fazendo isso, vai estudar, vai fazer alguma coisa que tu produzas” (DAMBACHER, 2012, P. 3).

Porém com suas conquistas esportivas e seu aparecimento na mídia, os comentários mudaram de tom passaram a ser: “Ah! é a filha do fulano...” (DAMBACHER, 2012, P. 3). Ainda que houvesse alguns preconceitos, a atleta relata que sempre foi muito incentivada pela família, pois o pai praticara Atletismo quando jovem.

Já com relação à mídia, ressaltou que essa pode exaltar ou depreciar um atleta, dependendo da situação, porém reconhece que sempre teve o privilégio de ser patrocinada por aparecer na mídia, fato esse que se dava em função de seus bons resultados. Luciane comentou, ainda, que hoje os patrocinadores preferem investir em corredores de rua do que em um campeão brasileiro de pista, pois o corredor de rua atinge um público maior e por mais tempo. Já nos campeonatos de pista, o público que assiste é pequeno, apesar de, na maioria dos eventos, entrada ser franca. A atleta diz



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

que apesar de ter parado de competir por causa de lesões, carrega consigo as oportunidades que o esporte lhe proporcionou e é valorizada pelas pessoas do meio esportivo. Atualmente é formada em Educação Física, trabalha como “personal trainer” e administra um grupo de corrida de rua junto com seu esposo.

Miriam Caldasso, nascida em 31 de agosto de 1965, na cidade de Camaquã, Rio Grande do Sul, foi por doze anos consecutivos, atleta de alto rendimento em corridas de fundo, meio fundo e cross country. Integrou a equipe de Atletismo da SOGIPA, durante o período de 1989 a 1999, e do Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, entre 1999 a 2002. Ao longo de sua carreira destacou-se em várias provas no Rio Grande do Sul, no Brasil, e países como Uruguai, Argentina e Marrocos, entre outros.

Sua carreira parecia impossível, pois quando pequena sofreu um acidente que a deixou, com 99% de chances de nunca mais poder caminhar. Esse fato não a desanimou. Ao contrário, fez com que ela se empenhasse para superar o trauma sofrido e voltar caminhar até alcançar o sucesso nas corridas de Rua no Estado e em diversas cidades do Brasil.

Miriam foi uma exímia atleta e, por ter uma invejável capacidade aeróbia, dominou as pistas e as corridas por um longo tempo inclusive por seu caráter abnegado e por sua extrema dedicação ao treinamento. Seu treinador não lhe facilitava o trabalho, pois acreditava que ela era capaz de superar e estabelecer novos limites. Entre tantas conquistas, destacam-se: o Recorde Estadual de 3.000 metros rasos em 1998; seus inúmeros primeiros lugares nas corridas de Rua, nas distâncias entre 5.000 e 10.000 metros, com disputadas acirradas; o fato de ser heptacampeã gaúcha de Cross Country, além de participar de diversas competições nacionais e internacionais.

Como se não bastasse a sua performance, Miriam ousou ao mudar o comportamento do vestuário feminino, trajando roupas esportivas que melhor se ajustassem ao seu corpo, trocando, assim, o tradicional calção masculino pelo sunquíni e a camiseta regata pelo top. Esse ato encorajou outras atletas que a seguiram e modificaram também seu modo de aparecer nas competições. Outra ousadia empreendida pela atleta esteve direcionada para sua constante defesa no que dizia respeito às premiações dos campeonatos que deveriam ser iguais às dos homens, já que elas percorriam as mesmas distâncias.

No seu depoimento Miriam esclarece que, desde a sua infância, sentia-se hipnotizada quando assistia pela televisão a Corrida de São Silvestre. Naquela época, essa corrida era realizada à noite, e ela na inocência de menina, saía correndo pelas ruas da vizinhança como se estivesse participando da prova, retornando à casa apenas para assistir a chegada. No ano seguinte desta primeira invenção infantil, o fato se repetiu, porém juntamente com um grupo de amigos que acharam a aventura o máximo. Segundo a atleta, “o espírito de corredora já despontava”, nesta fase inicial de sua vida.

Miriam Caldasso é graduada em Educação Física, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) (1991) e pós-graduada em Treinamento Físico Personalizado, pela Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000), o que a possibilita transmitir seus conhecimentos para outras pessoas. Também atua como treinadora de corredores atletas de diversas equipes tais como do Correios e Telégrafos/RS, da Auxiliadora Predial e da Rede



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Brasil Sul de Comunicação (RBS). Além dessa atuação também foi colunista da Revista Superação, especializada em temas sobre corridas e que tinha circulação nacional, sendo publicada pela Editora Multiesportes (Campinas/SP).

Quando questionada sobre das vantagens e desvantagens de ser mulher em uma área dominada pelos homens, Miriam responde “o que interessa é a pessoa e não o gênero dela. Nunca fiquei pensando se eu sou homem ou mulher, mas sim na vontade que vem de dentro, no empenho e no amor que eu coloco nas coisas que eu faço”. Com relação às experiências que vivenciou, salientou que o Brasil precisa de educação e cultura esportiva, citando como exemplo, falta de incentivo que os corredores recebem durante a Maratona de Porto Alegre, pois invés de aplauso, recebem buzinações, por estarem atrapalhando o trânsito.

Para as mulheres que gostam de atletismo e querem ser treinadoras, Miriam Caldasso arrisca um conselho: “Nunca pensar que já sabe tudo. Tem que estudar, se informar muito, pois estamos numa constante evolução. Você tem que ser o espelho, o EXEMPLO”.

Geny Lurdes Camilotti Mascarello, filha do motorista aposentado Vergílio Camilotti e da ex-costureira Vilma Piccinin, nasceu em 5 de agosto de 1954 na cidade de Putinga no interior do Rio Grande do Sul.

Juntamente com seu marido Flávio Mascarello, começou a correr no Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre. Sua preocupação com a beleza teve papel fundamental. Afinal, foi para perder peso que Geny conheceu sua maior paixão: a corrida. Começou a correr com 26 anos, em 1981. Neste mesmo ano ela participou de sua primeira competição oficial, a corrida Corre-corre, promovida pelo jornal Zero Hora e Lojas Renner, classificando-se em 3º lugar. Essa classificação, boa para a época, quase sem treinamento e sem preocupação técnica, fez com que ela se dedicasse, ainda mais para obter bons resultados nas corridas de rua.

No ano de 1982, ganhou a eliminatória no Rio Grande do Sul e foi representar o Estado na famosa corrida de São Silvestre, em São Paulo. Ainda, obteve o 1º lugar na corrida Corre-corre, e com este bom desempenho recebeu o convite para integrar a equipe da Sociedade Ginástica de Porto Alegre (SOGIPA).

Em 1983, no Rio de Janeiro, correu sua primeira maratona, classificando-se em 3º lugar. Na época, Geny considerou este percurso o melhor para se correr. Neste ano a atleta foi 27º lugar na classificação geral feminino da Corrida de São Silvestre, na qual ela se emocionava: “É uma festa linda. O Ano Novo chegando, os edifícios cheios de gente, o papel picado sobre os corredores, os aplausos. Quem participa não esquece mais”.

Em 1984, Geny Mascarello inicia uma série de sete vitórias na Maratona de Porto Alegre, transformando-se em ícone do atletismo gaúcho. Aliás, as mulheres já tinha sua participação garantida desde a primeira edição. Neste ano o atletismo feminino mundial teve uma importante conquista: Os Jogos Olímpicos de Los Angeles, 1984, assinalam a presença da mulher na Maratona, resultado de um trabalho de persuasão muito intenso no sentido de convencer os organizadores de que as mulheres têm capacidade de disputar provas de longa distância (FERREIRA, 1984). A primeira Maratona Olímpica para mulheres foi vencida pela estadunidense Joan Benoit Samuelson, porém a cena mais lembrada destes Jogos foi a chegada dramática da maratonista Gabriela



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Andersen completamente desorientada até o momento de cruzar a linha de chegada e ser amparada pela equipe médica. Estes Jogos derrubaram a ideia de que a mulher não podia se submeter a esforços por um tempo demasiadamente longo, pois além da Maratona, também, ocorreu a estreia da prova de ciclismo de estrada feminino individual.

Estes Jogos Olímpicos, também, foram marcados pelo boicote de vários países do bloco comunista, repetindo o feito dos Jogos Olímpicos de 1980 ocorridos em Moscou, quando muitos países de regime capitalistas seguiram o exemplo dos Estados Unidos.

Muitos atletas homens gostavam de correr ao lado de Geny, pois sabiam que se conseguissem acompanhá-la teriam um bom rendimento, melhorando suas marcas pessoais. Ela não se importava com isso, nem mesmo quando precisava parar fazer o tradicional “xixi”, era como se todos fizessem parte da mesma família. Sem se descuidar dos treinos diários, seus hábitos diários eram simples e voltados para os cuidados com sua filha e com seu marido.

Geny Mascarello elevou a história do Atletismo feminino com muita dedicação e empenho. Quem teve a honra da sua companhia durante os treinos e até mesmo durante as competições sabia que estava correndo ao lado de uma mulher forte e vencedora, merecedora de todos os aplausos.

Ana Maria Santos Resende é outra protagonista do Atletismo gaúcho. Foi atleta de destaque do Sport Club Internacional e, à despeito das muitas dificuldades, conseguiu tirar proveito de todas as oportunidades que o Atletismo lhe ofereceu.

Nascida em 4 de março de 1956, a atleta especialista em 400m com barreira, iniciou no Atletismo em 1970, aos 14 anos de idade já no Sport Club Internacional. Participou de várias modalidades de pista e de campo, tais como saltos, arremessos e corridas e, sem a exigência de obter bons resultados, ela permaneceu no clube até os 20 anos de idade. No seu primeiro ano, Ana Resende treinava três vezes por semana, indo e voltando da sua casa ao clube a pé, já que não possuía dinheiro para a passagem de ônibus. A partir do segundo ano de treinamento, recebeu um auxílio financeiro que custeava a sua passagem e o seu lanche. Com relação a isso, ela comentou que mesmo assim já ganhava mais do que sua mãe.

À medida que obtinha melhores resultados nos treinos e competições passou a ser mais valorizada no seu clube. Razão pela qual Alexandre Davis, treinador de origem húngara que ministrava treinos voluntariamente a diversos atletas de Atletismo, nos anos 1980, na pista do Parque Farroupilha, com seu olhar perspicaz, direcionou os treinos de Ana, passando a prepará-la para os 800 metros rasos (prova preferencial) e para os 400 metros com barreira (prova principal), fazendo com que obtivesse o máximo de seu rendimento. Segundo Ana Resende, o Sport Club Internacional mantinha o Atletismo por questões políticas, mas não o valorizava, sendo que até o uniforme tinha que ser dividido com os colegas (por exemplo, um atleta corria e depois emprestava os sapatos de corrida para outro correr a prova), salientando que as dificuldades para a continuidade dos atletas no clube e nas competições eram muitas. Apesar disso, a satisfação para continuar na prática do esporte estava nos resultados alcançados contra adversários melhor estruturados, o que ressaltou com as seguintes palavras: “chegávamos no dia da prova apenas com feijão e arroz e competíamos com muita garra como se estivéssemos correndo por um prato de comida” (RESENDE, 2012, P. 2).



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Apesar de ter iniciado cedo no esporte seus resultados mais expressivos ocorreram em competições do atletismo máster, tanto em nível nacional como internacional. Entre as principais competições que conquistou a atleta destaca: o Bi campeonato Sul-Americano de Veteranos dos 400 metros com barreiras em Cáli (Colômbia) em 1994, e Concepción (Chile), em 1996; o Campeonato Mundial de Veteranos nos Estados Unidos, em 1995, no qual ficou em 4º lugar na sua principal prova.

No seu depoimento comenta, ainda, que nessa época as dificuldades não eram menores, mas eram encaradas de uma forma madura. Para ir à Colômbia, por exemplo, a atleta contou com o apoio da Associação Atlética do Banco Meridional, local no qual trabalhava na época e para participar das outras competições sempre dava um jeito. Nessa época, o patrocínio de atletas amadores era muito restrito e geralmente os recursos concedidos para ajuda custo cobriam tão somente o transporte e a hospedagem. Outras despesas como alimentações eram custeadas pelos próprios atletas e para viabilizar as viagens todo esforço e criatividade eram válidos.

Ana Rezende relatou que a família sempre foi importante na sua vida e foi por ela que abraçou o esporte. Com respeito ao preconceito, disse que a discriminação não ocorria no Atletismo e as atletas, elas até recebiam elogios. Ressalta que, por vezes, havia comportamentos inadequados por parte de alguns atletas é que poderiam gerar comentários generalizados. Essa situação, a seu ver, talvez aconteça porque falta mais união entre as mulheres atletas no sentido de conseguirem condições melhores e tratamento mais igualitário no esporte. Essa união seria também uma forma de garantir que as conquistas alcançadas ao longo do tempo não se percam.

O tratamento igualitário do qual se refere, diz respeito, em muitos casos, à premiação que era menor que a dos homens e às vezes nem existia nos campeonatos nos quais participava. Nesse sentido, alerta que ainda não há no país uma organização de atletas mulheres para que possam reivindicar condições iguais à dos homens no esporte, já que elas, em corridas de Rua, percorrem a mesma distância. Diferentemente em Portugal, as próprias mulheres constituíram em 1998 a Associação Portuguesa Mulher e Desporto (APMD) com o intuito de promover a igualdade e a participação das mulheres no desporto em todos os níveis, funções e esferas de competência.

Ana sempre nutriu o sonho de ser treinadora e preparadora física. Atualmente é formada em Educação Física pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) e pós-graduada em Musculação. Dirige sua própria academia e continua estudando para se aperfeiçoar e orientar da melhor forma os seus alunos. Aponta, ainda, que o esporte foi a maneira que encontrou de sair da pobreza e, seguindo sempre os conselhos de seu treinador com muita determinação, conseguiu bons resultados na carreira. Essas conquistas a ajudaram encarar os problemas com muita disciplina, e marcam a importância que o esporte continua tendo em sua vida.

Vale ressaltar que, a necessidade de ter disciplina foi citada por todas as atletas deste estudo, como um fator importante para as conquistas durante suas carreiras atléticas e na continuidade de suas carreiras profissionais, já que todas são professoras de Educação Física.

Em outro ponto da cidade de Porto Alegre, no Clube dos Caixeiros Viajantes, uma menina, Verônica Bardini, buscava atividades esportivas mais desafiadoras, estabelecendo novos limites para si mesmo que, por vezes, parecesse impraticável por ser aparentemente frágil e tímida. No



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

entanto, sua trajetória esportiva demonstrou que não era assim, pois tão logo terminasse de competir em um evento, o próximo já começava a tomar forma.

Verônica nasceu em 04 de outubro de 1974 e é atleta de Triathlon. Sua iniciação no esporte se deu porque seu médico lhe recomendara fazer alguma atividade física, já que era muito tímida. Aos nove anos de idade começou a praticar natação, esporte que a acompanhou por muito tempo. Sua especialidade era o nado livre, dos 50 até 800 metros. Durante muitos anos a piscina foi a sua segunda casa. Nesse período, conquistou alguns títulos em competições que lhe proporcionaram muito orgulho. Em 1998, começou a participar de travessias em competições de nível nacional e internacional, sendo Campeã Brasileira de Maratona de águas abertas. No ano de 1999, participou do campeonato Sul-americano e Mundial de águas abertas. A transição da piscina para o Triathlon ocorreu em um momento que ela precisava renovar suas energias, ter mais companhias, já que nadava sozinha por muito tempo e tinha muitas cobranças por resultados melhores, além disso, queria fazer um esporte divertido. O Triathlon lhe proporcionou novos desafios, pois são três modalidades e correr era a mais difícil pelo fato de ter passado muitos anos apenas nadando.

No seu depoimento relatou que não teve em quem se inspirar, já que poucas mulheres praticam esta modalidade esportiva, porque o treinamento é muito rígido e exige bastante tempo e dedicação. E também pela opção por outros afazeres como estudo, família, filhos, etc. Sobre o apoio familiar, ela que seus pais sempre a ajudaram e foram muito importantes nessa trajetória, pois estiveram presentes em todos os momentos de sua carreira esportiva.

Com relação aos preconceitos enfrentados por ser uma atleta em um esporte predominantemente masculino, Verônica comentou que entre os atletas praticamente não há preconceito e que existe bastante solidariedade. O preconceito advém de quem não pratica esporte, de pessoas que, ao verem os atletas na rua, correndo ou pedalando, insultam-nos com palavras pejorativas, o que de certo modo é fruto da ignorância e de uma cultura pouco esportiva e, por vezes, machista.

Para a atleta o esporte foi fundamental para a sua carreira profissional. Não tanto como fonoaudióloga, mas, sobretudo, como professora de Educação Física, área na qual começou a trabalhar desde que iniciara a graduação. O fato de ter sido atleta lhe deu a condição de entender as preocupações de seus alunos, já que teve uma longa vivência para aprender com seus erros e acertos. Atualmente Verônica é proprietária de uma academia e também atua na preparação de corredores.

Considerações finais

Um atleta não se constrói apenas com o aprimoramento de técnicas que levem a um bom gesto motor. Esse aspecto é importante, sem dúvida, mas, sua carreira se constrói, também, com entrega, com suor e lágrimas, com o rompimento de barreiras, muitas delas invisíveis, mas que deixam marcas profundas em suas vidas.

As mulheres que protagonizaram este estudo foram valentes, cada uma a seu modo; enfrentaram as dificuldades que se impuseram na sua história sem fugir da responsabilidade que



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

tinham com seus objetivos, ou seja, o compromisso com sua existência e seu sonho em competir em provas usualmente não disputadas pelas gaúchas.

O esporte é uma manifestação cultural com diferentes facetas (alto rendimento, amador, recreacional...), apresenta bons e maus exemplos, é utilizado como uma ferramenta para ascensão social, como manifestação do poder econômico, como propaganda governamental, como um objeto de solidariedade, extravasamento de emoções, enfim, tudo isso são expressões sociais e não poderia existir distante das relações interpessoais. Os fragmentos aqui narrados são exemplares dessas afirmações.

Como sabemos, a carreira de um atleta requer muita dedicação, disciplina, amor, como qualquer outra carreira profissional. Essas características, no entanto, não são suficientes para justificar a proibição nem tampouco o preconceito que as mulheres, em diferentes contextos e tempos, sofreram apenas por serem mulheres. Esforços físicos árduos não são estranhos para homens nem para as mulheres. Fixx 1980 relata que os estudos mais antigos, relacionando a capacidade atlética com o ciclo menstrual apontaram que não havia qualquer efeito discernível nas proezas atléticas. Em 1976, em uma conferência médica, um grupo de pesquisadores garantiu que as mulheres terminariam o percurso de uma Maratona em 2 horas e 30 minutos ou menos. Existiam mulheres assim? Para essa pergunta o autor descreveu:

Existia, e naquele momento ela estava empenhada em treinamento em Oslo, Noruega, onde vivia. Tinha 22 anos, chamava-se Grete Waitz, e dois anos depois, na Maratona de da Cidade de Nova York de 1978, ela cobriria o percurso em 2:32:30, tempo esse mais de dois minutos inferior ao que qualquer mulher já percorreria a distância [...], e no ano seguinte ela cobriu o percurso quase cinco minutos mais depressa (FIXX, 1980, p. 98)

Diante dessa façanha, Patti Lyons, declarou: “ela está fazendo as mulheres compreenderem que não podem exercitar-se como mulheres. Devem exercitar-se como atletas”. (FIXX, 1980).

Que os pequenos fragmentos aqui narrados sobre da história esportiva dessas cinco atletas colaborem para que se discuta mais sobre a relação entre as mulheres e o esporte, para que as diferenças ainda existentes entre oportunidades para o esporte masculino e o esporte feminino sejam cada vez menores, inclusive no Atletismo.

Ao finalizar esse texto recorreremos às palavras de Phoebe Jones, atleta norte-americana, que em 1979 ajudou a organizar uma conferência sobre corrida e as mulheres, assim explicita:

Correr é uma declaração à sociedade. É dizer não a estar sempre de prontidão, a sacrificar nossas corridas diárias pelas necessidades dos outros, à pobreza e excesso de trabalho que tantas de nós enfrentam. Quando corremos, estamos fazendo uma coisa por nós mesmas e isso não consta do esquema de jogo da sociedade. Recuperamos o controle sobre nossos corpos e nossas vidas através da corrida (JONES, apud FIXX, 1980, p. 103).



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Referências

A HISTÓRIA DA CORRIDA: SuperAção apresenta o nascimento e a evolução do atletismo no Brasil. Campinas-sp: Multiesportes, 19 abr. 2010. Mensal. Matéria Originalmente Publicada na Edição 43 da Revista Superação. Disponível em: <http://www.multiesportes.com.br/?p=363>. Acesso em: 25 jun. 2012.

ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 11(2): p. 445-465, julho-dezembro, 2003.

BARDINI, Verônica. Depoimento de Verônica Bardini Camarota (Projeto Garimpendo Memórias). Porto Alegre, 2012.

CALDASSO, Miriam. Depoimento de Miriam Caldasso (Projeto Garimpendo Memórias). Porto Alegre, 2012.

DAMBACHER, Luciane. Depoimento de Luciane Dambacher (Projeto Garimpendo Memórias). Porto Alegre, 2012.

FARIAS, Cláudia Maria de. *Superando barreiras e preconceitos: a trajetória do atletismo feminino brasileiro, 1948-1971*. Florianópolis: Fazendo Gênero 8 – Corpo, Violência e Poder, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST67/Claudia_Maria_de_Freitas_67.pdf. Acesso em: 27 jun. 2009.

FERREIRA, Ayrton. *Maratona*. Salvador: Bureau, 1984. 302 p.

FIXX, James F. *O Novo Livro de Corrida*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidade. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun, 2005a.

_____. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Revista Pensar a prática*, Goiânia, 8/1: 85-100, jan./jun. 2005b.

GOELLNER, Silvana Vilodre et al. *Garimpendo memórias: esporte, educação física, lazer e dança no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

MELO, Roberto Gesta de; TURCO, Bené. *Atletismo*, Atlas do Esporte no Brasil. Rio de Janeiro: Confef, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/texto/46.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2009.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

OLIVEIRA, Gabriela Aragão Souza de; COSTA, Juliana Santos. *Atletismo feminino nos Jogos Olímpicos*. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/45.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2009.

RAMOS, Rossana Vicente; GOELLNER, Silvana Vilodre. Geny Mascarello: um ícone do esporte gaúcho. In: SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 18., 2006, Porto Alegre-rs. Livro de resumos. Porto Alegre: Ufrgs, 2006. v. 2, p. 560 - 576.

RESENDE, Ana Maria dos Santos. Depoimento de Ana Maria dos Santos Resende (Projeto Garimpando Memórias). Porto Alegre, 2012.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De espectadoras a protagonistas – A conquista do espaço esportivo pelas mulheres. *Revista Movimento*, Porto Alegre, ano V, n. 11, 1999/2.

<http://www.cbat.org.br/atletismo/origem.asp>. Acesso em: 27 jun. 2009.

<http://www.sogipa.com/site2007/esportes.php?codCont=116>. Acesso em: 24 jun.2009.